

Analítica das relações livres

Nota

Este texto é uma tentativa de colocar por escrito algumas ideias sobre relações livres¹. Pretendo usar tanto as minhas experiências e relatos que ouvi de outras pessoas quanto conceitos que me ajudam a pensar o mundo. Já deixo bem claro minhas influências nessa escrita, mesmo que precárias e às vezes distorcidas: anarquismo, feminismo e existencialismo. E também minha posição no mundo: homem, cis, branco, classe média, com relações majoritariamente heterossexuais. Quem sabe entrará um pouco de zen ou taoísmo. Também colocarei uma boa dose de achismo especulatório, que provavelmente não vai fazer mal a ninguém e ainda pode ajudar a criatividade. Enfim, vai ficar com cara de artigo científico e conversa de cozinha ao mesmo tempo. Um texto só é algo morto se não houver diálogo: quem quiser fazer uma ressalva ou melhorar alguma ideia, é só entrar em contato: chuy@riseup.net.

Relação e poder

Vamos lá. Todo mundo meio que sabe o que é uma relação livre. É aquela coisa que mistura principalmente afetividade, cuidado e liberdade. Eu chamo isso de amizade e considero-a o mais completo e maravilhoso tipo de relacionamento. É muito comum não conseguir ver como aparece o sexo nessa história, como transar sem posse nem cobrança. Isso apenas quer dizer que ainda temos que, por um lado, mexer muito na nossa sexualidade e, por outro, buscar uma sociedade menos hostil. Por isso ainda não estar nem perto de existir, vou usar a conotação mais comum de relacionamento livre que é aquela que bota duas ou mais pessoas no mesmo barco (por vontade própria), onde elas têm acesso consentido às intimidades alheias.

Já podemos tirar uma primeira conclusão: uma relação livre *não* pode ser um problema. Quando as pessoas têm alguma dificuldade ou mal-estar nesse tipo de interação eu dificilmente diria para abandonar a ideia. Os problemas em geral são ciúmes, medo, baixo nível de sinceridade, baixa autoestima, e outros nomes para as mesmas coisas mas que têm origens diferentes.

A partir de uma perspectiva anarquista, então, não só não há nada de errado numa relação livre como, pelo contrário, é um de seus ideais.

Ainda usando o mesmo ponto de vista, é preciso pensar (e buscar) que toda relação seja livre de opressão. O mundo tem diversas estruturas, instituições e dispositivos que colocam mais poder na mão de umas e às custas de outras (o que é diferente de outras terem menos poder apenas). O desequilíbrio de poder não só é criado por certos arranjos mas também mantido pelos mesmos. É preciso poder fazer o que se quer, porém, sem que alguém tenha que pagar por isso.

Disso dá para tirar que relações livres partem de alguns pressupostos: vontade de compreender-se e compreender as pessoas envolvidas, e não oprimir. Também devem entrar desde o início uma tendência máxima à sinceridade (que facilita a comunicação e o entendimento) e, obviamente, buscar estar bem consigo e com as outras (o altruísmo inocente não faz o menor sentido tanto aqui quanto em qualquer outra ação).

A gente sabe que as pessoas numa relação tradicional (namoro, casamento ou mesmo numa ficada) nem sempre estão afim de se entender e muito menos de tentar equilibrar relações de poder. A questão da idade, por exemplo, geralmente configura uma posição autoritária. “Tenho mais experiência, você não sabe o que está fazendo, eu já passei por isso, você tem que me escutar, etc.” Diferente de explicar as coisas e deixar que a pessoa mais nova escolha, os argumentos de autoridade embrutecem e criam dependência, tudo em nome da proteção. Sempre há uma desculpa para usar esse tipo de “argumento” para convencer as outras a fazer a vontade alheia. Neste caso, se obedece por amor, afeto ou carisma, outras vezes é através da ameaça física. Generalizando, a maior parte das vezes é por medo: medo de apanhar, medo de ficar sozinho, medo de não ser aceito.

Junto com o autoritarismo da idade costuma vir aquela coisa do currículo heroico: “nossa, que pessoa foda, olha tudo o que ela já construiu, não acredito que *essa* pessoa tá dando bola pra

1 As ideias que trago aqui não tem, até onde eu sei, nada a ver com o grupo RLi – relacoeslivres.com.br/site

mim, etc.” Se você tem baixa autoestima ou não se considera muito foda é bem provável que você mesmo se coloque numa posição inferior. Eu costumo ter como princípio a iconoclastia: tirar as pessoas de seus pedestais, não romantizá-las como heroínas ou perfeitas, tentar encarar todo mundo no mesmo nível. E saber disso também joga a responsabilidade da des-heroização para quem é tido como “foda”.

Tem várias outras formas de poder que estão embutidas nas relações humanas, além da diferença de idade: diferenças de altura, sexo/gênero, classe, cor, poder aquisitivo, status no rolê, disposição física (força, resistência, etc.), disposição emocional (alegria, depressão, etc.), e por aí vai. Essas coisas existem e cada pessoa significa elas de uma forma na sua cabeça. Independente disso, as diferenças são reais e *sempre* estarão aí. Se a gente não estiver minimamente atenta a elas e a como são valorizadas por nós (e entre nós) e pela sociedade, dificilmente estaremos caminhando na direção da liberdade.

Essas são as relações de poder e daí nasce a opressão (agressão, chantagem emocional, dependência, humilhação, desprezo, mutilação, servidão, apatia, etc.). Mas às vezes a gente esquece que várias coisas podem ser potencializadas se o poder de alguém for disponibilizado para as outras: acesso a recursos, ferramentas, lugares, pessoas, conhecimento, e tudo isso faz com que quem tinha menos, agora tem mais, quem não sabia, agora pode saber, quem não conseguia, agora pode treinar para conseguir. Compartilhar poder (evitando a dependência) promove a autoconfiança e o bem-estar de todo mundo.

Um começo descabido

Antes de entrar na delicada questão do bem-estar individual numa relação, queria falar um pouco sobre como nasce uma relação afetiva e o que a compõe, para depois entrar nos problemas que as pessoas enfrentam.

Como já disse lá no começo, amizade e relação livre para mim são a mesma coisa (não que todas as minhas relações sejam assim, mas é o que busco; e obviamente é bem difícil, mas acontece). Mas no uso comum não. O que, então, difere uma da outra no discurso cotidiano? Num primeiro momento, diria que é simplesmente o acesso consentido às intimidades alheias. Do jeito que as coisas são hoje, seja anarquista ou não, beijar na boca ou transar são dois marcos para o entrelaçamento interpessoal. Em outro tempo, isso significava que as pessoas se gostavam muito ou que viveriam juntas para sempre (ou seriam forçadas a isso). Só que a gente sabe que não faz tanto sentido quanto a tradição insiste em ensinar. Mas como acontece que mesmo assim aquelas ações continuam sendo marcos que dividem o que antes era uma amizade e agora é um relacionamento?

Se a gente se vê, conversa e se abraça, beleza. Mas se a gente se beijou na boca num dado momento, parece que algo mudou. Há uns anos, eu tinha pra mim que essa era a realidade mesmo, algo como uma lei natural dos relacionamentos humanos. Até que um dia eu fiquei com uma amiga e não senti nenhuma necessidade ou responsabilidade *a mais* com ela. A sensação de liberdade foi muito forte e gostosa. Era uma leveza que eu nunca tinha sentido antes. Aquela lei que eu achava intransponível, e que mesmo várias pessoas anarquistas e que praticam relações livres também acreditam, se desintegrou completamente pra mim. Hoje eu encaro uma ficada ou mesmo o sexo² com uma simplicidade tal que as outras pessoas envolvidas, mesmo que não pensem tanto em relações livres, parecem também se sentir leves e desimpedidas.

Considero descabida a importância que se costuma dar ao beijo e ao sexo como criadores de laços. Gosto de imaginar pessoas que se gostam (independente de sexo/gênero) cumprimentarem-se com beijos calorosos (da mesma forma que se abraçam calorosamente) ou que quando vão dormir juntas possam se abraçar, se tocar, transar à vontade e consentidamente. Uma vez propus um beijo a uma amiga que há muito não via. Ela simplesmente aceitou e foi muito gostoso. A única consequência séria que vejo na prática ampla dessas ações é de caráter epidemiológico: quanto mais contato, mais chance de contágio de gripes, herpes, DSTs, etc.³

2 Sexualidade e ato sexual possuem ainda outros atributos que não esse de marcar a criação de uma relação afetiva. Não pretendo falar dos tabus do corpo e das práticas sexuais.

3 Andar de ônibus, ir pra escola, ficar no trabalho ou trancada em casa é muito mais 'perigoso' em termos de contágio de gripe que beijar na boca!

A hipervalorização do sexo e das relações afetivas íntimas também causam frustrações variadas em pessoas que não gostam disso ou que têm pouca experiência ou se sentem inseguras. Sem falar da heterossexualidade compulsória (mulheres obrigadas socialmente a se relacionar com homens e vice-versa) e da patologização da solidão (você é doente e precisa de cuidado se gosta de ficar sozinha). Pode até parecer estranho ou impossível ter uma relação íntima e estável com alguém que não gosta de beijar ou transar⁴. Bobagem, não? Num mundo de relações livres, cada pessoa teria a chance de encontrar diferentes pessoas que preenchessem suas diferentes expectativas. Transa com quem gosta de transar, troca beijo com quem gosta de beijar, pratica BDSM com quem se excita com a prática. É muito provável que esse tipo de liberdade sexual desse até mais prazer às pessoas.

As três estruturas

Essas ações, então, parecem criar ou oficializar uma relação amorosa⁵. Mas, mesmo que não comece por aí⁶, o que acontece em seguida? Ou melhor, o que caracteriza esse tipo de relação? Quebrando um pouco a cabeça, notei o surgimento de três laços:

- **Confiança:** o laço da confiança tem a ver com cuidado e ajuda mútuos, e depende de sinceridade e boa comunicação.
- **Aceitação:** Como somos pessoas esquisitas e peculiares (e a sociedade é muito hostil), ser aceita mexe diretamente com nossa autoestima. E quando digo peculiares quero dizer todo mundo!
- **Expectativa:** ter uma relação com alguém costuma gerar expectativas sobre o que vai acontecer consigo e com a própria relação: será estável ou passageira, até onde posso contar com essa(s) pessoa(s), que tipo de dependência vai aparecer, família (!), crianças, etc.

Separei em três, mas cada laço está dentro do outro. A confiança depende tanto da aceitação quanto da expectativa. A aceitação requer a partilha de detalhes pessoais que mexe com a confiança e a expectativa. E o que queremos ou esperamos de uma relação está ligado ao nosso grau de confiança e ao quão aceita nós somos ali dentro.

Enfim, a coisa é bem complexa. Provavelmente faltam outras características, mas um detalhe interessante está na palavra laço. A confiança, a aceitação e a expectativa *unem* as pessoas de alguma forma. Pode ser mais ou menos livre, mais ou menos opressora, mais ou menos agradável. Os laços em si não trazem consigo nenhuma qualidade que não seja estrutural. Mesmo que eu tenha enviado a descrição deles ali acima para uma versão mais bonita, o que quero dizer é que a dependência, o abuso ou o bom entendimento se manifestam através do “tipo de nó” de cada laço.

Além disso, tem o “como o nó é feito”. Um dos pontos de partida aqui é a liberdade, então não faz o menor sentido comentar relações arranjadas ou forçadas. Fora isso, a coisa costuma começar com uma paixão, com uma ficada oportuna mas desinteressada, com a transformação de uma relação prévia, com uma avaliação racional dos prós e contras, com o desejo sexual recíproco, ... que mais? Esse “como acontece a aproximação” nem sempre é o mesmo para cada pessoa da relação (talvez fosse melhor dizer “raramente é o mesmo”) e parece configurar previamente os três tipos de laço que estão nascendo ou se transformando. Esse processo é uma conta pouco matemática entre racionalização (comparação com experiência vivida, o que se quer, etc.), reações químicas fora do nosso controle (serotonina, dopamina, etc.) e uma posição espaço-temporal bem específica (o famoso acaso). Como o início acontece muitíssimas vezes sem a gente perceber (ou seja, não dá para fazer quase nada), voltarei para a parte da relação em andamento, aquela em que conseguimos parar um pouco para olhar com atenção enquanto ela acontece, e que são os laços.

4 Quantos “estudos” não dizem a quantidade exata de trepadas que uma pessoa tem que realizar para ser feliz ou para um relacionamento dar certo?

5 É tão difícil saber como se referir a esse tipo de relação! Afetiva, amorosa, interpessoal, sexual, sensual, sei lá.

6 Anotação para desenvolver mais pra frente: amor/paixão: pessoa especial, sensação intensa de alegria, dependência visceral e possessividade (propósito darwinista?), obsessão – desejo!

Quantas vezes já não vimos um homem desprezar sua companheira (aceitação) para se sentir melhor ou manter sua posição de poder? Quantas vezes já não ouvimos histórias de gente manipulando as pessoas (confiança) para mantê-las sob seu controle? Quantas vezes um marido não manteve a esposa junto de si ameaçando-a de largá-la sem nada na rua (expectativa)?

Na real, perceber as estruturas que compõem uma relação nos ajuda a entender como aparecem e onde estão os problemas, e quem sabe trabalhar em cima disso para resolvê-los. (Se alguém encontrar outra estrutura, avisa aí que tento incluir aqui no texto.) Sem dúvida, essa parece ser a parte mais complicada. Ali pra cima era mais uma questão de descrever as coisas. Daqui pra baixo virá o pepino e tentarei colocar algumas dicas que *talvez* funcionem em *alguns* casos. De toda forma, sugiro que se tenha sempre em mente os três laços para tentar entender onde a coisa pode estar engasgando.

Qual é o problema?

Bom, partindo do pressuposto de que se *quer* uma relação livre e que se busca *diminuir* as desigualdades de poder, ou seja, uma forma anarquista de amar, quais são os principais problemas que aparecem?

O jeito mais fácil pode ser nomear tudo com a mesma palavra: ciúmes. Mas eu gostaria de dividi-lo em pelo menos três pontos: uma sensação de forte desconforto visceral, o medo e a competição. Como não poderia ser diferente, cada um acontece junto com o outro, em maior ou menor grau, dependendo do caso.

O ciúme enquanto aquele aperto no estômago e/ou na goela, aquele enjoo, gastrite, ou mesmo calor ou frio pelo corpo é o que chamaria de desconforto visceral. É uma coisa que toma a gente e não tem jeito: pode pensar o que quiser ou acreditar no for, depois que começa não tem como escapar ou fazê-lo parar racionalmente. Para não usar os conceitos obscenamente moralizados de sub/inconsciente, ego, id, etc., prefiro me referir a ele (o desconforto) através do que a psicologia existencialista chama de consciência de primeiro grau⁷. Quando ela opera, nosso ser (corpo, mente, tudo junto!) reage sem que nossa consciência possa ter juízo de si mesma e assim não podemos avaliar o que fazemos (como acontece geralmente em situações extremas, onde reagimos por “instinto”). Porém, quando a nossa consciência toma a si mesma como objeto, aí então podemos julgar e, conseqüentemente, decidir. A coisa tá super resumida, mas gosto desse conceito; primeiro porque ele descreve bem o desconforto visceral, segundo porque não carrega consigo nenhuma moral da sociedade vigente, e terceiro porque não nos exime da responsabilidade dos nossos atos⁸.

Enfim, o livro de Sartre tá lá e pode explicar melhor que eu essas coisas (e as limitações da teoria também!). Meu ponto é que enquanto esse sofrimento estiver aceso as chances da pessoa colocar a si mesma sob avaliação de forma objetiva e clara é muito pequena. Algo muito mais forte e importante está tomando a sua atenção naquele momento e todo o esforço racional (político) para lidar com a *situação social* simplesmente ficará para depois⁹. Bem cartesiano, né? Mas foi a partir dessa ideia que pude fazer uma ponte entre ciúme e abusos psicológicos.

Diversas vezes li em textos feministas que primeiramente é preciso parar (do jeito que for!) com a agressão, o abuso, etc., para depois planejar uma ação ou resposta. Quebrar o ciclo vicioso de abuso parece ser o jeito mais rápido de tomar consciência da própria situação. Sem essa visão de fora, muitas vezes a vítima nem consegue se dar conta da merda em que vive.

Aí vem a minha hipótese. Alguma ação ou pessoa gerou o ciúme, e algum mecanismo o mantém. O que tenho ouvido falar e presenciado é que enquanto a pessoa estiver tomada de ciúmes

7 Meu pouco conhecimento disso vem do livro *O Imaginário*, de Jean-Paul Sartre. Nossa consciência é uma só, mas opera de duas maneiras: tendo o mundo como objeto (consciência de 1º grau, não-tética) e tendo a si mesma como objeto (2º grau, tética). Foda sacar conceitos obscuros da cartola, mas foi o jeito.

8 O conceito existencialista de liberdade diz que estamos condenados a sempre escolher. O ato constante da escolha é o que funda a liberdade e não a quantidade de opções que temos. Assim, tendo feito uma cagada (dadas todas as condicionantes reconhecíveis), uma pessoa sempre tem a opção entre reconhecê-la ou não. Sendo apenas duas opções ou mais, sempre há responsabilidade.

9 A psicologia existencialista também afirma que nossa consciência somente pode ter um objeto “focado” a cada vez. Obviamente os níveis de consciência se intercalam tão rápido quanto o próprio pensamento.

é muito difícil que ela consiga se dar conta do que aquilo faz com a sua relação, da (des)proporção do caso ou de que forma as suas ações irão realmente mudar a sua vida (geralmente para pior). Em se tratando de um sentimento, sua origem pode muitas vezes nem estar presente. Ele pode ser um modo de agir/sentir que foi aprendido ou quem sabe o mal-estar seja fruto de algum trauma que está sendo revivido. Mais um paralelo com as práticas feministas: é bem possível que existam certos *acionadores* que trazem de volta vivências desagradáveis e que são no momento resignificadas como próprias da relação atual.

Será que dá para ir mais longe? Não sei...

Voltando às outras características daquele guarda-chuva chamado ciúme, dá para falar um pouco do medo. Diferente dessa coisa que vem do bucho, muitas vezes a gente consegue dizer qual é a razão dos nossos medos, e essa parece ser uma das principais ações para superá-los. No caso de uma relação, o medo costuma mexer em todos aqueles laços lá de cima. A aceitação, a confiança e as expectativas são mais ou menos abaladas, cada qual de uma forma, pelo medo de sermos deixadas sozinhas ou perdermos algum tipo de acesso. Parece bem comum que a pessoa que está com medo aperte ou afrouxe demais cada nó, de maneiras nem sempre racionais, sufocando a si ou aos outros no meio do seu desespero ou insegurança.

Acho muito importante que todo mundo consiga estar bem a sós, não só por precaução, obviamente. Saber estar bem consigo mesmo é um ótimo sinal de que você conseguirá estar bem com outra pessoa também. E tirando a iluminação taoista onde a gente supostamente se sentiria parte do todo e o todo ao mesmo tempo, a sociedade (e a cultura urbana) nos ameaça o tempo todo com a solidão. Fora que “não se deve confiar em ninguém”, “o perigo mora ao lado”, etc., e toda a ladainha individualista que vai da concorrência do mercado de trabalho até não se sentir bem andando na rua. Junto a isso tudo (ai, que mundo de merda, hein!), ainda vem o estigma social em ser considerax trocada, abandonado, largadx, esquecida, chifrad@, etc.

Por fim, a competição e a disputa por “território” também costumam ser causas de ciúmes numa relação afetiva. Tudo começa a piorar quando vem aquela sensação de que a atenção será dividida, que o calorzinho não estará lá o tempo todo, ou simplesmente que aquele lugar/situação segura e confortável se transformará em outra coisa. Parece que isso tem a ver com propriedade, não? As *nossas coisas* não saem do jeito que a gente quer. Novamente, confiança, expectativa e aceitação entram momentaneamente¹⁰ xeque.

Os sistemas sociais opressores são mestres em diminuir as pessoas e minar sua autoestima. O machismo diz que as mulheres são fracas e burras, o racismo diz que negrxs, indígenas, etc. são inferiores, a gordofobia, transfobia, homofobia, desprezam as pessoas, os adultos batem nas crianças, seres humanos em animais, e mais o capitalismo que obriga todo mundo a se vender e estar constantemente frustrado. Saber isso implica no quê? Implica em que tem gente que vai sofrer mais que outra gente em quase qualquer processo social. Mas saber disso também implica que quem tem privilégios tem que ficar muito atento e ajudar a reconstruir a autoestima dxs companheirxs, sem ser paternalista.

Uma amiga me disse: “ninguém tá preparada para relações livres”. Realmente, nesta constante tortura social ninguém parece estar preparado para nenhum tipo de relação. Mas, às vezes está afim de tentar pelo menos. E como sempre vão aparecer problemas é legal compartilhar o que a gente descobre por aí.

Posologia

Estou tentando falar de relacionamento sem cair num estilo autoajuda. É mais difícil do que parece e espero estar conseguindo (talvez nem devesse lutar contra isso... agora já foi). Mas mais difícil ainda é a parte em que estamos agora, os conselhos, as dicas, o que fazer. Vou tentar ser o mais pragmático possível e apenas listar algumas ações baseadas nas análises feitas acima e no que tomei conhecimento de situações reais. É óbvio que elas não vão todas funcionar e nem todas as vezes.

10 Digo 'momentaneamente' porque acredito esperançosamente que poderia ser por pouco tempo, mesmo com todas as evidências se mostrando contrárias. Na real, quando aparece ciúmes numa relação livre o mais comum é ela acabar sem terem superado a dificuldade. Muito chato...

Talvez nunca nem funcionem, pois não somos uma máquina que basta apertar um parafuso para que tudo volte ao ritmo esperado. Ao invés disso, essas ações são convites para pensar mais detidamente sobre nossas relações e o que queremos delas. Mesmo tendo lido vários textos e vivido muitos tipos de relações, as pessoas vão continuar sofrendo por diversas razões. O inter-título desta parte é irônico: não existe analgésico para este tipo de sofrimento.

Já falei várias vezes o que acho que são os pressupostos de uma relação livre. Pra mim, é aí que mora a “solução” e é aí também que deve rolar um baita esforço *prévio*. É tentar saber o melhor possível o que se quer para si, onde o calo dói no outro e buscar o consenso com sinceridade. Nem todo mundo vai ficar bem numa relação livre, principalmente no começo.

Reuni, então, as seguintes ideias:

- A curto prazo, logo em seguida que aconteceu o enrosco de ciúmes, o melhor seria buscar identificar os possíveis acionadores do mal-estar, torná-los claros a todo mundo da relação e tentar se afastar deles momentaneamente. Também parece muito importante conversar abertamente sobre o que aconteceu. É aquela coisa de tomar consciência do que foi feito, se responsabilizar (no bom sentido) e dar um nome, mesmo que mude depois, para o que está sentindo. E conversar significa que ninguém está tentando ganhar uma discussão ou detonar o argumento dxs outrxs, mas que se quer entender o que aconteceu e procura se mostrar solícitx. Muitas vezes dar um tempo também pode ajudar bastante (se a pessoa não tiver problemas em ficar sozinha).
- A questão a longo prazo já seria mais um “estudo” sobre desconstruir a ideia de propriedade privada, de que sempre vai haver uma pessoa especial esperando por mim lá fora ('mito' grego da alma gêmea), que ela vai completar todas as minhas expectativas e que isso vai durar para sempre (aqui o 'mito' pode ser cristão). E também que o sexo é o que há de mais importante no mundo e ele serve de indicador de saúde, felicidade e qualidade de vida. Muito do nosso aprendizado sobre relacionamentos vem dessas crenças e só com um bom tempo de reflexão e *experimentação* é que conseguimos criar as nossas próprias formas de bem-relacionar-se.

Difícil fechar este texto

Chegou a hora de concluir o que veio sendo desenvolvido até agora. A primeira coisa que gostaria de reiterar é que me parece logicamente impossível que uma relação livre seja um problema. Ela é baseada no cuidado, no afeto e na liberdade. Mas a vida não é uma fórmula matemática e a gente tem um certo costume de errar: medir mal as palavras, machucar quem a gente gosta, esquecer de agradecer e compartilhar, e por aí vai.

Mas um relacionamento não é uma vivência individual. Ele é uma dinâmica social e pessoal, são duas linhas temporais que se cruzam o tempo todo e raramente se afastam. Assim, é impossível por exemplo resolver um mal-estar a dois num relacionamento em quatro pessoas. Ora conversas individuais, ora estar sozinho, ora dialogar com todo mundo. Como o desconforto individual acontece dentro de uma relação social, deve-se tentar resolver também no nível social.

E isso exige uma conversa franca, onde se busca a máxima sinceridade e a mínima desigualdade de poder. Sem esses esforços, a discussão vira bate-boca. São duas coisas realmente difíceis de fazer: a sinceridade significa expor suas vontades, seus medos e seus desgostos; o equilíbrio de poder significa reconhecer e tentar minimizar privilégios, e compartilhar poder. Aqui também entra não se fazer de vítima ou usar falsos argumentos. Não é uma disputa e sim apoio mútuo.

Sem essa conversa franca, quem está sofrendo acaba tendo que lidar sozinho com a situação. Assim, ninguém vai entender o que aconteceu nem conseguir ver o que fazer.

Além dos difíceis problemas de ciúmes, abuso de poder e de ser sincerx, um outro caso que é bem comum acontecer é o de uma pessoa ficar mediando a relação das outras. Classicamente, é o papel da mãe que vira um amortecedor entre pai e filhx, entre irmãxs e/ou entre uma família e outra. Como o conflito (nesse caso clássico) não quer ser resolvido por nenhuma das partes, a mãe se enche de culpa e frustração pela infelicidade alheia. Deve-se atentar muito bem a isso numa relação

com mais de duas pessoas. Porém, pode ser inevitável que no início de algum problema uma pessoa tenha que intermediar. Mas é desejável que não se prolongue.

Outro ponto que não comentei acima, mas que ainda dá tempo de falar, é sobre a duração de um relacionamento. Com o tempo *as pessoas mudam* (!)¹¹ e elas devem perceber isso: prestar atenção ao conforto do convívio, aos interesses pessoais, às atividades e expectativas compartilhadas. Acho bem importante não ter medo de separar, mas essa não é uma habilidade que dê para exercitar com facilidade. Separação nem sempre é um racha. Não precisa ser! Pode ser uma forma de manter a amizade sem a tensão do cotidiano causada pelas diferenças trazidas pelo tempo.

Ainda com relação à duração, é muito comum acontecer de que quando uma relação se 'institucionaliza' ("agora estamos namorando, casadxs," e outros nomes que ainda não foram inventados), as pessoas lutam a todo custo para manter a relação-instituição e não o bem-estar de quem participa dela. A lógica da instituição é muito poderosa, ela toma o lugar das nossas necessidades, se fazendo passar por elas: aprendizado vira escola, segurança vira polícia, sociedade vira Estado, saúde vira hospital. Por exemplo, se a gente bota a ideia de escola contra a parede, é bem difícil que alguém consiga sustentar a sua existência. Porém, qualquer professorx irá defendê-la até o fim, por uma ou outra razão. O mesmo acontece com as relações amorosas. "Agora que estamos juntxs, temos o dever de mantê-la! Custe o que custar." Vários casais brigam o tempo todo e nem conseguem perceber que não se gostam mais ou que suas vidas tomaram caminhos diferentes.

Talvez isso esteja ligado à noção de posse. Achar que tal pessoa é sua é algo brutalmente aniquilador. Todas as pessoas podem crescer com as trocas e novos relacionamentos (sejam amizades, ficadas, encontros, etc.). Talvez seja isso que mais assuste quem é possessivx: que xs parceirxs simplesmente mudem, queiram fazer outras coisas, que viajem ou deixem de viajar, que se depilem ou passem a gostar dos pelos, que falem outras gírias, que ouçam outras músicas, e sei lá mais o quê que pode gerar medo.

Em um dos meus relacionamentos, fiquei muito contente de conhecer a mãe da pessoa. Nos demos muito bem e várias vezes voltei na sua casa para almoçar com o seu pessoal, mesmo não estando mais me relacionando com x filhx. É claro que várias coisas de uma família tradicional me incomodavam lá, mas havia algo muito mágico que sempre me intrigava. Até que um dia eu consegui colocar em palavras o que acontecia e é o que tenho usado de modelo para todas as minhas relações. A mãe tinha desenvolvido uma relação com xs filhxs que ao meu ver é um ótimo equilíbrio entre apego e desapego. Por um lado buscava ajudar no que escolhiam fazer, cuidava, dava várias oportunidades, e por outro não se metia, não limitava, não fazia perguntas demais e tinha sua própria vida.

Parece meio óbvio agora que tô escrevendo, mas ver isso em carne e osso, numa relação viva e real foi muito inspirador. É possível!, eu pensei. Cuidar sem restringir, estar junto mas também saber estar sozinhx, observar as escolhas alheias evitando o descaso e a mágoa. Pronto. :)

julho de 2014
(revisões em agosto e outubro)

11 Nunca é demais enfatizar que elas mudam.